

A NECESSIDADE DO MAL

Prof. Sérgio da Fonseca Amaral
Doutor em Ciência da Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: Uma leitura, nem tão despretensiosa assim, do conto “A Benfazeja”, inscrito em *Primeiras estórias*, e da história de Maria Mutema, narrada em *Grande sertão: veredas*. Ambas as narrativas são enfocadas sob o elogio da maldade. O confronto entre o *bem* e o *mal*, nessas narrativas, e sua relação com a mulher são interrogados sob a ótica da necessidade humana de se constituírem ficções, e da literatura como seu contraponto.

Abstract: A not-too-unpretentious reading of the short-story "A benfazeja", included in *Primeiras estórias*, and of the story of Maria Mutema, narrated in *Grande sertão: veredas*. Both stories are focused under the eulogy of wickedness. The confrontation between good and evil in those narratives, as well as its connection with the woman, are interrogated under the light of the human need to constitute fictions, having literature as its counterpoint¹.

A maldade das mulheres não é uma lenda.

(Curta-metragem francês)

Principie-se por dizer, antes de tudo, que se procurará compor uma aproximação do conto “A Benfazeja”, inscrito em *Primeiras estórias*, com a história de Maria Mutema, narrada em *Grande Sertão: veredas*. Acrescente-se que ambas as narrativas serão enfocadas sob o elogio da maldade. O confronto atemporal entre o *bem* e o *mal*, nessas narrativas, é atravessado por interrogações que o autor deixa como forma de remontar à incerteza e às bifurcações dos valores humanos intensificados como dobras, sempre se desfazendo e se refazendo em diferentes significados. Chame-se a atenção para a “marca da maldade” impressa nos nomes das personagens, Maria Mutema e Mula Marmela. Suas insígnias – MM – revelam presença e reincidência da morte e do *mal*. Como um estigma, tal sinal ortográfico traz as personagens para a presença da luz, deixando entrever uma pequena lição de malignidade. Se tais narrativas tratam do mal, em que sentido existiria a ascendência do Diabo, esse ser fabuloso, sobre a conduta das personagens femininas? No caso de Maria Mutema, a pergunta é mais intrigante por ser sua história narrada no interior de um enredo no qual a curiosidade de Riobaldo a respeito da vivência, ou não, do Demo é recorrente. Desse modo, a pequena aventura de Maria Mutema ilustraria uma perquirição sobre a presença do *mal* e um anseio de

conhecer se ele, o *mal*, seria apenas uma ruga intrínseca a nós mesmos, personagens realistas, ou pertenceria a ação de uma potestade independente e autônoma, personagem fantástica, existindo e tendo como finalidade primeira nos travar a intriga.

Em “Maria Mutema”, se percebe, no desenvolvimento da narrativa, a presença do maligno em sua alegre gratuidade, o oposto do banal, em que os objetos de holocausto imolados são figuras masculinas institucionalizadas, encenando o cônjuge e o sacerdote, ambos pósteros do pai, flagrado nos traços ambíguos da e na palavra padre, o regulador de alianças, o perpetuador da violência da posse. Estar-se-á, assim, diante do sacrifício de ícones patriarcais sob a feiticeira Maria Mutema. A origem do *mal*, desse modo, seria merecedora das perguntas: como surgiu e para o que veio? *Ele* estaria na encruzilhada sob o preceito do semelhante atraí semelhante? Daí viria outra questão: há o pacto da fêmea com o Diabo para a cura das doenças da feminidade? Há o despencar do *mal* por cima das figuras patriarcais? Como se sabe, pelos informes literários, no princípio houve duas mulheres: Lilith aliou-se ao maligno; Eva, seduzida e sedutora. Antes, Deus escolhera o masculino e, assim, fez-se a sociedade patriarcal sobre as luzes e os trovões divinos; para a feminidade restariam as sombras e os silêncios. Estrategicamente, o Diabo, alijado de sua utópica cidade além de Deus, aliou-se à mulher para ficar com o mundo e garantir a alegria das formas. Deus, na sua opção preferencial pelo homem, ficou com o conteúdo, e desde então o vazio tomou conta de toda babel intraduzível das palavras. A literatura é feita nesse vazio. Mas, como a *Bíblia* é de autoria divina, que se recusa a morrer, a personagem satânica e a mulher são relegadas a figurantes, ou a coadjuvantes. Desse modo, textos outros e ficções outras são feitos, ou para minorar, ou para elevar ao primeiro plano o Demônio e hachurar as luzes das palavras certas, trazendo as curvas e o detalhe, que é onde opera o *mal*. Portanto, há a afirmação da necessidade do *mal*. Por conseguinte, sugere-se compreender os contos acima mencionados como comentários à *Bíblia*. Relembrando: creditado como o livro escrito por Deus. O campo de enfrentamento, o do discurso ficcional, mais uma vez é acionado, trazendo à tona personagens femininas excêntricas para mais uma vez lembrar da batalha entre mundos em combate desde a expulsão do Jardim do Éden, executada por um Deus ciumento da primeira aliança e do primeiro flerte da mulher com o Diabo. Além disso, Deus, insatisfeito, não perdoou a fraqueza do homem e escreveu como mandamento o seu rancor perante o mundo, que se fez de carne, retirando-se, em seguida, como um narrador onipresente, permitindo ao Diabo atuar nos infindáveis e

infinitos enredos. O terreno do mundo, o simbólico, onde se constituem o real e o ficcional, produz o conflito entre realidades, disputando os domínios da crença para a vida e para o corpo. O diálogo com a *Bíblia* dos contos rosianos, portanto, traz o sinal da irreverência. Nesse caso, não se trataria mais de escrever nenhum *Livro*, mallarmaico, mas de “desescrever” O LIVRO.

Maria Mutema é a história de uma mulher que, primeiro, mata o marido sem razões objetivas. Logo em seguida ela passa a se confessar com o padre Pontes três vezes por semana. No decorrer de certo tempo, o padre morre, não sem antes ir murchando aos poucos. Passados anos, chegam ao arraial alguns missionários. Na véspera da última missa, Maria Mutema aparece na igreja, e um missionário, no fim da salve-rainha, dirigiu-se a ela do púlpito para acusá-la de mortes. Maria Mutema confessa os dois crimes. No marido, enquanto ele dormia, despejou, no ouvido, chumbo derretido. Ao padre, mentiu, em confissão, que matara o marido por causa dele. Pelo resumo, pode-se perceber os atos deliberados de Mutema em atingir seus alvos. Aparentemente, sem razão alguma, ela elimina dois homens: convergências de perfídia. A personagem estaria pronta a escapar da condenação, por cometer assassinatos incógnitos, não fossem as sombras serem reveladas por um *deus ex máchina* com efeito miraculoso. A ruptura com o sexto mandamento, não matarás, o mais radical dos dez, por não admitir volta, deixa rastros da tentativa de fuga de um mundo enjaulado. Mesmo assim, ela cumpre os papéis que lhe são reservados como o de esposa, o de beata, o de viúva, subvertendo-os todos. Ao ser trancafiada, desempenha o de santa, reequilibrando-se na linha do íntimo com o meio. Note-se que seus crimes são os de mulher, pois são realizados de forma oblíqua e dissimulada. Seus atentados, contra o marido e contra o padre, fazem dela sacrílega em dobro por quebrar laços sacramentais e sacerdotais. Ao confessar-se, em público na igreja, Maria Mutema desloca o confessor da esfera da interioridade para a do domínio público, dando conta dos seus feitos e transformando-os em ação política. Termina por inverter todas as proposições para ela postas: para o sagrado, sacrilégio; para o individual, coletivo; para o privado, público; para o pessoal, político; para o milenar, agora; para a beata, terrorista; para o amor, morte. A mola da ação de Maria Mutema, se for considerada estritamente sob o âmbito do motivo da protagonista, não é revelada na trama, todavia é na aparente gratuidade dos acontecimentos que se encontrará todos os elementos para atar a ira contida. O narrador dá a conhecer um pouco do espírito de Mutema apenas na confissão dos crimes: agiu com obscuridade e

fingimento, indicando vontade atávica e desejo tortuoso; ardil e vaidade. Para o leitor, há a suspeita de que a fala do narrador conserva em suspenso elos masculinos fatais de ligação entre os mortos, pois aos dois a morte sobreveio despejada nos ouvidos. Como se afirmou acima, sendo a mulher oriunda do silêncio e das sombras, como narrada no livro de Deus, Mutema aproveita o sono do companheiro, invertendo, ou complementando, o sono de Adão, e o mata. Quanto ao padre Pontes, ela o fere de morte com a confissão falaciosa. Os dois estavam encurralados nos seus próprios territórios ou suas zonas de sombras: o recanto do lar e o tribunal da penitência. Lugares de acolhimento e de extravasamento: um, do corpo; o outro, do espírito.

“A Benfazeja” é a história de Mula Marmela, uma mulher que livra a vila de um criminoso. Mumbungo, com muitas valentias de mortos e feridos, e Marmela apaixonaram-se e viviam juntos. No entanto, ela termina por matá-lo, também sem razão à primeira vista. A relação amorosa e carnal entre os dois era irremediável, assim como o assassinio dele por ela. A crueldade de Mumbungo iria ser contraposta pela malícia de Marmela que o pegará sem escapatória, configurando-se-lhe o destino personalizado em mulher, sua *moira*. A maldade sobreporia a crueldade. A feminidade enroscaria o macho. Mumbungo representa para a cidade a exibição da força e da violência, e ninguém poderia *ser* tranqüilo, pois tal presença mancha os habitantes como uma nódoa, vivendo todos marcados por uma incompletude: o medo. Dessa forma, a escuridão que perseguia os moradores do vilarejo não poderia ter sido destruída de outro modo do que pela sombra da mulher. Mesmo assim, a benfazeja, ao eliminar o cruel, atrai o desprezo dos aldeões. Mas sua missão não havia terminado ainda e não podia ir embora sem expurgar a localidade da ira e da violência. Como bode expiatório, tem de ir ao encontro de *Azazel* para purificar o local. Para que a calamidade não retorne, o ritual e o sacrifício têm de ser completos. Assim como o pai, o cego Retrupé poderia ter sido um flagelo para a comunidade de Marmela. Numa mistura de Tirésias com Édipo, ele é duplamente cego: não enxerga e é colérico, não tendo nem a clarividência de um, nem a vidência do outro. Retrupé, pés para trás, necessita dos olhos da Mula Marmela, tendo de seguir suas pegadas. Há uma situação trágica em que a sina de Marmela, matar o marido e cegar o enteado, é recebida com soberba pela comunidade. Seu mal, praticado contra desgraçados, reverte em benefício: em nome de todos se sacrifica, é o *mal* necessário. Tal ato de sacrifício será sua sentença condenatória: vagar isolada, ser os olhos do cego e tornar-se a rejeitada do *mal*. Sua missão salvadora a aniquila perante

todos, assinalando a marca da diferença. Por isso, ela tem de ser lançada do lugarejo, descontaminando-o e revitalizando-o. O gesto de pegar o cachorro morto e apodrecido e carregá-lo no colo representa seu último ato de limpeza, oferecido como sua derradeira abnegação. Tal exercício purificador de um bode expiatório assassino deixa entrever uma incumbência sagrada, firmando a personagem como uma espécie de enviada. O paradoxo encontra-se nessa ligação, pois caracteriza a quebra do sexto mandamento. Se há males que vêm para o bem, certamente a morte é o ápice de semelhante trajeto, e Mula Marmela seguiu à risca o enunciado.

O conto “A Benfazeja” e a história de Maria Mutema levam a pensar a respeito do estatuto do *mal* e de suas ficções para a geração das realidades amorosas, sociais e políticas. Num caso, “A Benfazeja”, nos remete para a indagação sobre o *mal* como um constitutivo de equilíbrio e sobrevivência da coletividade. Desse modo, um poder aniquilador, quase força da natureza, ou da sobrenatureza, precisa encontrar um símile e ao mesmo tempo sua contraposição. Nesse caso, Marmela aparece como a figura da esfinge, que é mulher e animal, indecifrável, pois age em silêncio e sem alardes. Os dois elementos do *mal*, estatuto fictício da mulher, nas imagens de Mutema e Marmela, apresentam-se, cada qual a sua maneira, para desfazer algo, em tênue equilíbrio, na história encenada por homens em papéis sociais petrificados e brutalizados. Enrijecidos dentro de preceitos milenares, tais homens caminhariam para o limite do arranjo grupal se uma outra presença não desviasse a restauração do caos, dando continuidade à vida em comum. Para tanto, são necessárias reordenações internas para que os respiradouros mantenham-se desobstruídos e oxigenem o espaço das representações sociais. Assim é o caso do domínio do *mal* que, contraditório consigo mesmo, limpará suas cíclicas impurezas para impregnar continuamente os valores, contorcendo e insuflando-os de vida para que não se despedacem na monotonia do mundo fechado e estratificado. Os ritos de purificação nada mais representam do que uma benesse do *mal*. Vê-se isso, a partir das narrativas analisadas, no assassinio dos maridos, do filho e do padre por Mutema e Marmela: o que remete para fundas estocadas nas instituições sacramentais da Família e da Igreja. A reação da coletividade não poderia ser outra do que a ambigüidade relatada e posta em suspeita pelo narrador da “Benfazeja” que a todo instante interrompe a história para inquirir os habitantes sobre suas atitudes complacentes com o crime e indiferentes com a sorte de Marmela. No caso de Maria Mutema, a punição é o sintoma de um domínio patriarcal, recobrado pelas vozes

altissonantes e implacáveis dos missionários e guiado por um estranho poder. Contudo, Mutema agiu sob o signo da revolta muda e silenciosa contra homens que encarnavam em demasiado seus papéis. Porque, se assim não fosse, não haveria a narrativa do marido assassinado dormindo, pois seu sono aponta para o relaxamento da atenção – tanto no sentido de tento, como no de cuidado, no de consideração e no de estar advertido – perante a esposa, configurado em seu pré-texto. Já o padre Ponte acreditava intensamente no sacramento da confissão e não mediatizou a declaração farsesca da personagem sobre um não sentido amor. Desse modo, o sopro de fogo dado por Mutema o fez queimar até a extinção completa. O padre morreu por ouvir, num confessorário, ser ele um intermediário do *mal*. Morreu porque a fé na instituição o fez crer que onde estava bastaria como centro, autoridade e baliza na verdade da palavra empenhada. Tudo isso faz pensar a ficção como motriz de vida e de morte.

A inquietação com o *mal* atravessa todo o livro *Grande Sertão: veredas* e o conto “A Benfazeja”. Falta dizer que tal procura ribomba em seus narradores, avatares da masculinidade. Eles são personagens contadores de histórias que, encobrendo os rastros do autor, deixam escapar, em Maria Mutema e Mula Marmela, um presságio de que as coisas da opinião do rio corrente genérico podem transbordar os limites. Ao absorverem o autor, denunciam a linguagem como sendo um fio atravessado sobre o abismo por onde caminha a vida. E na vertigem da vida, o *mal*. É em tal abismo que a ficção encontrará a morada da mulher. Dessa forma, o *mal*, assim como a palavra, é fêmea por gerar a busca incessante do sentido da existência. Matriz de histórias-mundo, que vem emblemada nos MM de Mutema, de Marmela, de mulher, o *mal* entra por uma estreita porta do jardim da cultura do macho, reprodutor de propriedades, e instaura o toque e a incomunicabilidade, legando o conflito e o suspense. No décimo mandamento, encontra-se o pacto de Deus com o homem e a propriedade. Com Rosa, há a hipótese de que o Diabo deu uma oportunidade à mulher, pois as magas Mutema e Marmela imolam homens para o bem dos mundos. Para isso, a literatura: contra as ficções; por isso, a mulher e as sombras.

Referências:

BATAILLE, Georges. **A literatura e o mal**. Tradução de António Borges Coelho. Lisboa: Vega, 1998.

BÍBLIA sagrada. Petrópolis: Vozes, 1985. Gênesis, 1, 27;81.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **As formas do falso**: um estudo sobre a ambigüidade no *Grande sertão: veredas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986. (Col. Debates, v. 51).

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. **Para uma teoria da interpretação**: semiologia, literatura e interdisciplinaridade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. **Tais superfícies**: estética e semiologia. Rio de Janeiro: Ottili, 1998. 7: Ferocidade das fêmeas, p. 49–52.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. **Modos de saber, modos de adoecer**. Belo Horizonte: Edufmg, 1999.

UNTERMAN, Alan. **Dicionário judaico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

¹ Tradução de Stelamaris Coser.